

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
ANO VI — Número 1.685  
Sábado, 24 de Maio de 1924  
PREÇO — 30 CENTAVOS

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL  
TELEFONE—5339-C  
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 113 a 115

Uma quadrilha financeira está manobrando para roubar aos operários a Fábrica de Vidros da Marinha Grande

## A que intuições obedecem as perseguições á "Batalha"!

### O comissário geral da polícia sobreponde-se ao governador civil e ao ministro do Interior

Quem manda: o comissário da polícia ou o governo? Quem manda: o governo republicano, que deve pelo menos respeitar o espírito da Constituição ou a ditadura militar, pela espada do sr. Ferreira do Amaral? Quem manda, afinal? Estamos num regime democrático ou em plena ditadura, chefiada por um polícia, sem inteligência, neurasténico e caserneiro? Manda o comissário e o governo obedece---ou manda o governo e o sr. Ferreira do Amaral apoiado numa força reaccionária desobedece?

### Mal vai ao regime que impede a livre expansão do pensamento

Afinal o censor de *A Batalha* é o sr. Ferreira do Amaral, comissário geral da polícia, que possui por órgão oficial o diário *A Epoca*. A uma comissão declarou o governador civil de Lisboa, pela boca de um dos seus secretários, ignorar que o governo desse ordem para exercer a censura à *Batalha*. Então se o governador civil, ignora a existência de qualquer ordem liberticida contra a imprensa—prova-se mais uma vez que o comissário geral da polícia, sobrepondo-se às funções do governador civil, atribuindo-se poderes superiores aos do próprio governo, arvorando-se em ditador, na honrosa tarefa de atacar a «ordem», lança-se fúriamente sobre *A Batalha* que vengamente odeia.

Não compreendemos o motivo porque o governo admite sorrivelmente, humilhantemente a invasão de atribuições que o sr. Ferreira do Amaral constantemente faz. O que entretanto, será bom acutelar e analizar—e isso compete também ao governo que deposita confiança cega em quem, pelos seus actos, não a merece—a que visam as medidas que aquela autoridade da república inspirada pela imprensa reaccionária, vem tomando dia a dia.

\*\*\*

Os atentados contra a liberdade da imprensa sempre causaram natural repulsa no nosso país. A imprensa burguesa tem atacado a estranha atitude das autoridades para com *A Batalha*.

O Século de ontem comentava o caso da seguinte forma:

Um jornal da manhã foi ontem censurado, aparecendo com alguns espaços em branco. Seria inconveniente, inexplicável violenta, e mesmo perigosa, qualquer apreciação daquele jornal, motivando a determinação que a autoridade tomou. Simplesmente, julgamos que não há lei, nem regulamento que tal autorismem. Se não há, não podia efectuar-se a censura, por mais desastrada ou atentatória do decretó público que fosse a linguagem empregada. Existe, porventura, oculto em qualquer escântio da legislação preceito que autoriza a censura, em casos especiais? Nesse caso, deveria explicar-se ao público, e nota oficiosa, a razão e o fundamento desse procedimento. Ei o que nos parece, Mas não existem lei ou regulamento justificando a decisão das autoridades? Não existindo, não podemos deixar de protestar contra o facto, por ser ofensivo das leis. E somos bem insuspeitos neste

protestos, porque ainda há dias esse jornal nos dedicou alguns fáceis insultos do seu estilo, aliás inutilmente. Mas somos respeitadores dos princípios e das leis, a cuja necessária subordinação ninguém, seja quem for, deve prestar-se.

O *Correio da Manhã* também aprecia asperamente a arbitrariedade, atribuindo as responsabilidades ao sr. Sá Cardoso. Permitimo-nos transcrever as suas apreciações:

Do número de ontem da *Batalha*, sobre o qual passaram as luvas brancas do sr. Sá Cardoso deixando um claro na 1.ª página e outro na 2.ª, depreende-se que foi restabelecida a censura prévia à imprensa, prato de resistência da gente do regime, que vota um ódio de morte à letra de forma.

O mais interessante é que saíram para a venda alguns exemplares antes da chegada à casa da máquina das luvas do sr. ministro, podendo nôs por isso mesmo ler o que provocou o ataque de energia do glorioso fugitivo da Rotunda.

E o que lemos nós? Um elogio das altas qualidades do diverto estatista, de mistura com várias recordações dos seus feitos políticos cometidos numa época que pertence à história.

A modestia do sr. Sá Cardoso é digna do nosso maior respeito. Há mesmo muita gente que não gosta de ver o nome nos jornais, especialmente quando estes exaltam certas virtudes e más partes que concorrem para a glória de determinados cidadãos.

Isto, porém, não impede que protestemos contra a prepotência do ministro que manda censurar o órgão bolchevista depois de ter entrado em negociações com os delegados da C. G. T. para a solução da greve dos transportes.

Não há que duvidar. Subiram-lhe as luvas à cabeça... quando estavam sujas!

Também a *Imprensa Nova* protestava, nestes termos contra a infâmia:

*A Batalha* de ontem saiu com espaços em branco, o que imediatamente deixa a perceber que sobre esse jornal fôrça exercida a censura prévia. Ora, pelo menos que nos conste, as garantias não estão suspensas e não há qualquer artigo na Constituição que permita que se exerce censura prévia. A lei determina, em dados casos, certas e determinadas sanções, mas nunca a odiosa censura.

Com efeito, é que o sr. ministro do Interior se permitiu respeitá-la, assim dum a outro momento? E' então o arbitrio do sr. Sá Cardoso que dá leis?

Não, não pode ser. Contra esse arbitrio lavramos o nosso indignado protesto. Só a lei e únicamente a lei pode e deve ser aplicada.

Dizia ontem *A Capital*: Informam-nos que as autoridades se dão de novo ao sport da

Apenas *A Epoca* em vez de verberar, como lhe competia, a arbitrariedade sem nome de que está sendo vítima um jornal, se limitou hipocriticamente a entrevistar o comissário geral da polícia, registando com todo o carinho as boboseiras da caserna e os insultos que aquela autoridade—decreto no intuito de fomentar a «paz» e cimentar a «ordem»—teve o arrójo de proferir.

Mau servidor tem o governo na pessoa do sr. Ferreira do Amaral. Este funcionário encarregado da «ordem pública» serviu-se dum jornal monárquico para nos insultar e provocar. E fez-o dum maneira covarde, sabendo do antemônio que teria a faculdade de impedir que se tornasse pública a resposta a essas insolências que publicamente proferiu.

Perguntamos daqui ao sr. ministro do Interior se

algum prestígio grangeou a república, permitindo que o comissário geral da polícia—da polícia cujas funções, segundo os partidários do regime afirmam, são: defender a «ordem» e a «república»—viesso para um jornal francamente inimigo do Estado republicano, dizer par-

ticulares ao governo.

Lembramos entretanto à *A Capital* que se é vexatório a censura prévia, a apreensão é igualmente vexatoria, liberticida e prejudicial para a imprensa que a suporta.

*A Capital* não desejaríamos os enxertos da lei no que respeita a apreensão. Leis dessas não prestigiam quem as defende.

\*\*\*

Apenas *A Epoca* em vez de verberar, como lhe competia, a arbitrariedade sem nome de que está sendo vítima um jornal, se limitou hipocriticamente a entrevistar o comissário geral da polícia, registando com todo o carinho as boboseiras da caserna e os insultos que aquela autoridade—decreto no intuito de fomentar a «paz» e cimentar a «ordem»—teve o arrójo de proferir.

Mau servidor tem o governo na pessoa do sr. Ferreira do Amaral. Este funcionário encarregado da «ordem pública» serviu-se dum jornal monárquico para nos insultar e provocar. E fez-o dum maneira covarde, sabendo do antemônio que teria a faculdade de impedir que se tornasse pública a resposta a essas insolências que publicamente proferiu.

Perguntamos daqui ao sr. ministro do Interior se

algum prestígio grangeou a república, permitindo que o comissário geral da polícia—da polícia cujas funções, segundo os partidários do regime afirmam, são: defender a «ordem» e a «república»—viesso para um jornal francamente inimigo do Estado republicano, dizer par-

voicadas, e incitar-nos a que e desrespeitemos e nos revoletos.

Nas vésperas dum movimento militar, de carácter conservador, incitado e animado pelos reaccionários da *Epoca*, preguntamos ainda ao governo da república, se não achou estranha a atitude dum comissário geral da polícia que manda prender os elementos avançados adversários desse movimento reaccionário, e consutar e prejudicar *A Batalha*, o jornal que mais enérgicamente tem condenado essas conspirações regressivas, que visam o esmagar-nos, não deixarão entretanto de pé os governos débeis que se atemoram ante as arbitrariedades dum comissário da polícia. Perguntamos ainda ao governo se desconhece as aspirações ditatoriais do sr. Ferreira do Amaral, aspirações plenamente confirmadas pelas medidas arbitrárias que vem exercendo contra nós, talvez porque não mergulhámos nunca as nossas mãos nos dinheiros do povo, nem fazemos parte de empresas exploradoras.

Afinal quem manda? Em que lei vivemos? Manda o sr. Ferreira do Amaral, em harmonia com a intentona militar que está espreitando uma aberta para sair! Manda o sr. Ferreira do Amaral, que ante um governo atônito ou medroso, vai preparando o terreno para a dura assentir livremente arraial no nosso país? Ou manda o governo republicano, que tem pelo menos obrigação de fazer respeitar o espírito da Constituição da República, que garante a cada um plena liberdade de imprensa?

Quem manda? O sr. Ferreira do Amaral, que quer a ditadura das espadas apontadas ao coração do povo, ou o governo republicano que tem obrigação de salvaguardar os princípios de Liberdade que inspiraram a revolução de 5 de Outubro?

Quem manda? E' já a ditadura militar, pela espada ensanguentada do comissário da polícia? Se é, que o digam francamente, para que nós saibamos que a missão da imprensa emancipadora cossou, para dar logar a uma defensiva e energética que uma simples pena de aço flexível e quebradiça não pôde sustentar com vantagens para quem a manejou.

### A FÚRIA DA DESTRUÇÃO

## NEGOCIATAS! NEGOCIATAS!

Um bando de exploradores prepara-se para cair sobre mais uma presa:

### A Fábrica de Vidros da Marinha Grande

Estão metidos no grande negócio o vice-presidente da comissão executiva da Câmara

— Municipal e uma companhia da qual é director o ministro do comércio —

Vivemos num chavasai imundo. Nessa república degradante os desmandos e os crimes sucedem-se vertiginosamente, como se a horda que nos esmagava tivesse sido tomada de delírio, dum destruidor e rapinante, no pavor do castigo que se aproxima.

O que nas altas esferas da política é o negócio se projecta a respeito da Fábrica Nacional de Vidros da Marinha Grande é simplesmente abominável, por isso mesmo que está nas normas correntes.

O velho estabelecimento industrial foi transformado em pouco menos do que um montão de ruínas pela última empresa exploradora, que não contente com a sua obra vandálica, exerce sobre os vidreiros a mais repugnante escravatura.

Nesta altura, o golpe republicano não há só golpes de apache—estava preparado já.

Por isso, todas as diligências feitas em Lisboa se para conseguirem as vidreiras passaram por todos os tormentos morais e físicos, enquanto a sua volta os operários das outras fábricas, incluindo uma de que empresa é proprietária, viviam numa relativa felicidade e abundância.

Era a tortura de Tântalo. Era as oficinas a desmoronar-se. Era, em suma, o ódio a vingança daquelas que já se consideravam os donos da república, como esse famigerado Xavier Esteves, e que não podiam levar a paciência que os homens e heróicos—sim, heróicos!—trabalhadores do vidro se apuzessem ao desvio—ao roubo—das lenhas que, pela lei e pela tradição, sómente pertencem esta fábrica.

Um ministro da república o dr. sr. Ramada Curto cortou o mal da raiz entregou a fábrica aos operários, realizando uma velha aspiração destes operários que o próprio João Franco pretendeu efectivar também.

Enquanto, porém, o ditador monárquico, pretendia emprestar 100 contos à fábrica, a república apoiou-a iniciativa de Ramada Curto, não cedendo alguma coisa do que isso, e os seus si-

gnostros propostos são auxiliados por homens a quem a República deu a categoria de grandes.

A Companhia Industrial Portuguesa a mesma que deixou a Fábrica, na frase do próprio ministro do justiça atual, como se por ela tivesse passado um temporal, não só de parte de os seus intentos de tornar a apoderar-se da fábrica, tanto mais que tudo deixou preparado para uma negociação de truz.

O presidente do seu conselho de administração, o deputado e vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa sr. Marques da Costa, poze-se em campo, auxiliado muito eficacemente pelo autor do sr. Nuno Simões, estadista, sr. Bernardino Carreira, da Companhia do «Giard», a qual, com outra sociedade de negreiros de cuja direcção faz parte o próprio ministro do comércio, está metida na tramoia, tudo preparado, não sem certas e mais que suspeitas visitas às ante-câmaras ministeriais.

Tudo corría ás mil maravilhas e até o próprio jornal do sr. Nuno Simões, participou festiva e solenemente a grande notícia da venda da fábrica, quando chegou a Lisboa uma comissão de operários da Marinha Grande para tratar do assunto.

Conferências, o costume, e o ministro do Trabalho prometeu apenas não ordenar a paralisação da fábrica, persistindo é claro, em propor a sua venda.

Há poucos dias, pelo ministério do Trabalho, foi anunciado nada mais na menor, do que isto: a paralisação da fábrica e a venda da fábrica em hasta pública, como se se tratava dum bens.

Como se faria esta? organizado com a cumplicidade do governo, a fábrica iria parar ás mãos do sindicato que adquiriria por alguns milhares de escudos o que vale muitos milhares de contos.

Deve aqui dizer-se que da fábrica faz parte integrante seis mil hectares de terreno, que tem um valor superior a 20.000 contos. São os Casas da Malta

e da Lebre, ora estes terrenos foram integrados a título provisório no tempo da última empresa, no regime florestal. Ninguém pensou mais nisso, e toda a gente passou a considerar a fábrica como constituida apenas pelos edifícios.

E' inútil dizer mais. O audacioso trust toma conta da fábrica, depois, a simbólica exibição do alvará que considerou glorioso estabelecimento, os terrenos anexos e os que lhe fossem anexados como prazo festein perpetuo e era um roubo consumado.

O valor total da fábrica, terrenos e edifícios, deve ser pois de 35.000 contos.

Justifica-se assim a actividade e a pressa dos interessados...

A Comissão de Melhoramentos continuará a desempenhar-se da missão, de quaisquer casas nas quais a tabela não seja respeitada.

Hoje retomará, às 21 horas, o pessoal da obra a prego e de sandalias.

Lê na 3.ª página

Artigo de Benedy

### O COMISSARIO GERAL

### MÃOS CRIMINOSAS E PÉS QUE AGREDIM

Uma «palhada» daquelas que ele gosta de ruminar

Sua Exceléncia o mui grande nobre e poderoso sr. Ferreira do Amaral comandante da polícia de Lisboa, herói da grande guerra, herói das campanhas de África, escritor da grande guerra e das campanhas de África, é quem procede à censura do nosso jornal. Esse homem, comprido de rosto, delgado de corpo, de barba desolada, olhos duros e feroces, que atrevesse o Chiado, semi-curvado, dentro dum fardo de pano cintado, é mais poderoso que o governo, mais importante que o chefe de Estado, e rei, é ditador, é Deus. E' tudo-o-Todo Poderoso.

Nas suas mãos cabeludas e magras, nervosas, concentra-se todo um poder absoluto. Essas mãos, sempre em movimentos incessantes, amarraram e estrangularam todas as leis e todos os direitos. São essas mãos que assimaram mandados de captura de operários, que amarraram a constituição da república, que estrangularam a própria autoridade do governo, que exercem a censura de

*A Batalha*. Essas mãos daram matéria para assunto a jornalistas, cronistas, criminais, manucures, antropólogos, sociólogos, gatunos e políticos. São mãos fatídicas, dessas que constam dos terríveis «filmes» de seitas perigosas em «escravos» de cíneas. Mãos magras como as dumas de ferro; mãos de ferro; essas mãos de polícias são as mãos dum Deus. Inacessíveis e preciosas como as do papa Pio XI, caprichosas históricas como a dumas cortezas. Se essas mãos estivessem nas nossas mãos, seríamos grandes e poderosos e inatacáveis.

## Teatro Nacional

TELEFONE NORTE 3049

HOJE

A sentimental peça de BRIEUX

## HOJE — SIMONE

PALAVRAS CLARAS

## "O Mundo" imundo

quiz, embora a medo, manter a máscara da honestidade, obrigando-nos a falar do Banco Português e Brasileiro e da negociação das 400.000 libras

## Não brinque O MUNDO com coisas sérias

O Mundo, de orelha murcha deu uma resposta muito débil ao nosso artigo desassombroado de ante-ontem, no qual provávamos a dependência miserável do seu ridículo e videirinho director. Tanto parvo, O Mundo, ao negar que estava vendido ao Alfredo da Silva e ao moageiro Monteiro Guimarães acaba na resposta trouxa que nos deixa defender o último destes cavalheiros. Que miséria moral! Entretanto, melhor andaria haldão da rua de São Roque se se calasse prudentemente ante os nossos ataques e acusações esmagadoras como fizeram os seus irmãos na corrupção: O Seculo, O Notícias e o Diário de Lisboa que dias antes aqui sofreram energico e pesado castigo. Assim, permitindo-se ripostar, no intuito de conservar ilúdidos alguns dos seus raros leitores, sujeitou-se a ouvir o que lhe convém.

Quiz passar por honesto? Veio, embora a medo, falar da sua independência? Tem de escutar mais umas verdades amargas.

A independência moral do Mundo cifra-se no facto do sr. João Pires Correia, director do Banco Português e Brasileiro possuir não menos de dois terços das ações do mesmo jornal.

O Banco Português e Brasileiro é um daqueles patrióticos e honestos bancos que devem ao Estado as célebres 400.000 libras que não querem pagar,

tatua e tudo. Talvez Deus, com um empenho do Nemo susurre ao onívoro do Papa que o canonize. Se há o sagrado coração de Jesus, o sagrado braço de São Francisco porque não há de existir as sagradas mãos e os sagrados pés de São Ferreira de Amaral.

Dir-nos-hão que a cabeça da Sua Imporância Suprema, o Gran-Senhor Ferreira do Amaral, também merece ser canonizado. E dizem muito bem!

E' que a cabeça do sr. Ferreira do Amaral é prodigiosa. E' uma cabeça que fala; queverte frases com a espontaneidade normal com que um contador do sr. Carlos Pereira vê a água. Para verter frases, basta abrirlhe a torneira, a torneira que são os seus lábios. E' uma cabeça do consumo alugada à Epoca. Basta que A Epoca abra a torneira para que a cabeça fale. E como A Epoca está sempre com a mão na torneira, a cabeça está consecutivamente falando. O que ela ontent disse de nós quando o jornal de Nemo lhe abriu a torneira...

Que o nosso jornal era uma pathada, que embora nunca o fesse, anteponha trazia a lenga-lenga do costume. Certeza é a cabeça que fala—algumas linhas sobre a Magagem e umas insolências agressivas ao ministro do Interior.

A cabeça diz que A Batalha é um agente consciente do crime. «Aquele cabeça perde a cabeça quando nos ataca.»

Áquela cabeça está de acordo com os pés e com as mãos. Estamos perdidos! Que faremos nós com a cabeça-contadora da Epoca com os movimentos das mãos e dos pés do sr. Comissário afastado contra a nossa liberdade de pensamento?

E' demasiada para as nossas forças uma imunidade que começando na cabeça só acaba nos pé!

## JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reúne hoje pelas 21 horas o comité federal.

## Uma interessante festa operária

Realiza-se amanhã na sede do S. U. da Construção Civil

O S. U. da Construção Civil realiza amanhã, no magnífico salão recentemente inaugurado na sua sede, uma festa sob todos os aspectos interessante e que, decerto, vai atrair um grande número de trabalhadores que assim terão encontro de se recrear e instruir, sendo o programa o seguinte:

A's 15 horas, concerto pela apreciada banda da Academia Filarmónica Verde; às 20,30 horas conferência pelo dr. Campos Lima, seguindo-se a representação da sua aplaudida peça A Cetá dos pobres, José Domingos Ribeiro e o seu ajudante José Silva Júnior farão depois sortes de prestidigitacão, terminando a festa com canções sociais por elementos do Grupo Propagadores do Fado.

Coliseu dos Recreios  
HOJE — às 21,15 (9 1/4) — HOJE

2.ª apresentação  
da célebre ópera  
**Cavallaria Rusticana**  
e da admirável ópera  
do maestro BETTINELLI  
**Avé-Maria**  
Grande e extraordinário sucesso  
obtido nas suas estreias

## PREÇOS POPULARES

Amanhã — Festa artística  
do notável soprano

LUZITA CORTÉS  
TRAVIATA

## CAMARA MUNICIPAL

Foi ontem apreciada a  
situação do pessoal  
operário

Reuniu ontem, pelas 21 horas, o Se-  
nado Municipal,

O sr. presidente comunicou ter sido  
procurado por uma comissão de or-  
erários que em nome da sua classe pediu  
a equiparação dos seus salários aos dos  
arsenalistas. Pede aos vereadores que  
se manifestem sobre o assunto.

O presidente da Comissão Executiva  
dr. sr. Marques da Costa, informa ter  
sido procurado várias vezes pelos op-  
erários do Município, pedindo-lhe au-  
mento de salário para a sua classe. Ma-  
nifestava sempre o seu pleno acordo  
em que os salários dos operários da  
Câmara eram insuficientes para a ca-  
resta da vida. Entende que de facto  
era necessário tomar uma resolução só-  
bre o assunto. Não se podendo fazer a  
equiparação aos arsenalistas rápidamente  
poder-se-ia tomar uma situação in-  
termédia para acudir à situação do  
pessoal e estudar em seguida a forma  
de fazer a equiparação ao pessoal dos  
Arsenais.

O sr. Guilherme Ferreira, vereador  
da Comissão de Finanças, largamente  
se ocupa do pedido dos operários, di-  
zendo que de facto estelesstão mal pagos  
que devem, O Mundo austero, O  
Mundo que ataca presentemente a  
Moagem para favorecer o moageiro  
Monteiro Guimarães, defendeu os ban-  
cos com unhas e dentes—tudo pelo  
muito amor que teve à ordem, à pátria  
e à república.

Pois bem: quando o governo ameaçou os bancos que fazê-los reentrar nos  
cofres do Estado com as 400.000 li-  
bras que devem, O Mundo austero, O  
Mundo que ataca presentemente a  
Moagem para favorecer o moageiro  
Monteiro Guimarães, defendeu os ban-  
cos com unhas e dentes—tudo pelo  
muito amor que teve à ordem, à pátria  
e à república.

Como O Mundo vê, estamos bem in-  
formados, e será melhor calar-se, limi-  
tar-se a defender modestamente e sem  
grande ruído essas porcarias que sus-  
tentam o seu director, para não nos  
irritarmos e nos vermos obrigados a  
estrangular-lhe o negócio com meia dúzia  
de bordoadas puxadas com mais alma  
e dadas perante alguns milhares de te-  
lores.

Esteja calado e quieto, percebeu? Se-  
jam estragmos lhe este negociação  
da Moagem que lhe promete tanto e  
também bons resultados lhe está dando já,

um daqueles bancos que tem levado o  
país à ruina. O Banco Português e  
Brasileiro—que é quem maior influên-  
cia tem no Mundo, que simboliza os  
princípios que O Mundo defende—des-  
tas 400.000 libras deve à sua parte 200.000.  
As restantes duzentas mil es-  
tão assim distribuídas: 100 mil pelas ca-  
sa Torlades e outras 100.000 pelo Ban-  
co Espírito Santo.

O sr. Guilherme Ferreira, vereador  
da Comissão de Finanças, largamente  
se ocupa do pedido dos operários, di-  
zendo que de facto estelesstão mal pagos  
que devem, O Mundo austero, O  
Mundo que ataca presentemente a  
Moagem para favorecer o moageiro  
Monteiro Guimarães, defendeu os ban-  
cos com unhas e dentes—tudo pelo  
muito amor que teve à ordem, à pátria  
e à república.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

Esperemos, portanto, a resposta dos  
industriais. E no entanto podemos afir-  
mar que a greve continua com mais  
energia ainda que nos primeiros dias de  
greve. Não entanto, essa comissão limitou-se a  
mandar a mesma ofertas dos 10 000 e não ti-  
nha poderes para resolver coisa alguma,  
apesar que a comissão operária estaria  
disposta a tratar do assunto com a  
federalização que sempre tem procedido  
a Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

As reuniões têm sido muito concor-  
ridas, sendo em todas elas dada o apoio  
a Federación del Trabajo quando se tem procedido a  
Federación Corticeira que a n-  
meira.

FIAT LUX!

# A falta de segurança das prisões

Considerações de flagrante oportunidade à cerca dum artigo do "Diário de Notícias"

...o que eu digo é que não tornemos a culpa ao povo, que muitas vezes tem razão nos seus próprios erros.

R. da Fonseca Magalhães

**H**a cerca dum mês que o "Diário de Notícias", referindo-se a falta de segurança das prisões portuguesas, publicou um artigo intitulado "A impunidade" e em cujo cabeçalho afirmou, em síntese do mesmo artigo, que ela é "o principal propagandista do crime" e que "não são necessárias leis de exceção para se libertar a sociedade das feras que a assolam" (sic), em dizer qualas elas são onde se ocultam.

Só do referido artigo os períodos que transcrevo em seguida:

"Sob o ponto de vista social ha uma obra urgente, inadiável, que é preciso realizar entre nós. A nossa própria segurança, a segurança de todos os que trabalham e produzem disciplinadamente, reclama que se acabe com o uso e o abuso da impunidade no crime, que só novos crimes pode gerar."

"Dir-se-á que vivemos numa sociedade de energias destinada a eliminar-se pela violência, dando a todo o mundo o espetáculo tumultuário duma nação em que as leis são mortas e a autoridade impotente. Chega a advogar-se o assassinato na letra redonda de certos jornais e a buscar-se, na atenuação de selvagens que repugnam ao sentimento humano, a maneira de sugerir a inconsciência de alguns para a imitação repugnante dessas violências."

"Temos usado e abusado das leis de exceção e talvez o mal agrava-se. Isto quer significar muito claramente que não é de leis de exceção que nós precisamos, mas de coragem moral e cívica."

"Leis de exceção, em Portugal, são leis a que se dá esse nome para as transformar em papões. Quando não ha energia para as aplicar aqueles que por seus crimes nitidamente comprovados caem sob a sua alcada, tão inutiles são as leis de exceção como as ordinárias. E a essa falta de energia corresponde, por força, uma diminuição da autoridade e esta é a propaganda tacita do crime. Dessa propaganda nasce toda essa série de crimes de que, nos últimos anos, Portugal tem sido teatro, acabando por agora, no que ante-ontem (24 de Abril) foi praticado na rua do Arsenal."

Prossegue o artigo, indispensavelmente, na defesa dos interesses materiais da polícia, continuando numa censura ao Congresso da República, onde permanece o projecto considerando mortos em com-

bate aqueles guardas assassinados no seu posto e concluindo por dizer que "não precisamos modificar a nossa indole adoptando sanções saqueadoras; mas é preciso que desde as culminâncias do Estado até às mais humildes classes dos seus servidores se robusteça o espírito de disciplina, se aumente o prestígio dos que combatem o crime".

Fazendo bem que o "Diário de Notícias", como é público e notório, é um dos órgãos da Moagem, isto é, da mais importante empreza moageira e paniçadora de todo o país, hei de dizer que, nessa qualidade, carece o referido diário de toda a autoridade para se insurgir contra o desrespeito das leis.

Crime por crime se me figura muito maior aquele que é praticado por um pequeno número de indivíduos sobre alguns milhões deles, do que o crime dum só indivíduo sobre outro que, por exemplo e servindo-se da sua influencia, obriga a faze-se ao mar, num chaveco condenado, algumas dezenas de homens que, por milagre, escaparam do naufrágio previsto e anunciado do mesmo chaveco, sem o que suas mulheres e seus filhos ficariam na viuvez e na orfandade, na mais completa miséria, sem alguém ter a lembrança de reclamar do Congresso da República o reconhecimento de seus pais e seus maridos como mortos em combate, para se acudir, com a pensão de sangue, às famílias respectivas.

Tanto assim que jámás se acudiu de tal maneira áqueles que têm sucumbido em qualquer desastre no trabalho, que é um posto mais ainda de combate que o posto dum polícia que intervém numa desordem ou qualquer outro incidente das ruas contra determinados agentes do crime, que não o seriam se o modo de ser criminoso da grande maioria dos principais componentes da sociedade não desse causa á intervenção da polícia e da magistratura judicial.

E aqui estou eu dar razão ao "Diário de Notícias", fazendo a apologia do crime, "sugestionando inconscientemente para o exercício do acto criminoso."

Mas não sei por qual motivo ou associação de ideas me ocorreu nesta conjuntura aquela parte do diálogo em que, segundo Vitor Hugo, nos "Misérables", monsenhor Benvindo, refutando os argumentos do convencional a quem foi visitar, pregunta a este o que tem a dizer-lhe sobre Marat, dando palmas no acto de funcionar a guilhotina, ao que o mesmo convencional responde, preguntando ao monsenhor o que lhe diz de Bossuet, celebrando um Te Deum, depois das bastonadas.

Prosegue o artigo, indispensavelmente, na defesa dos interesses materiais da polícia, continuando numa censura ao Congresso da República, onde permanece o projecto considerando mortos em com-

rito não fosse do "Diário de Notícias", em grande parte, eu havia de concordar com a sua doutrina, uma vez e muito principalmente quando aplicada a aquelas infrações das leis de salvaguarda pública como aquelas e não poucas que foram promulgadas, sem utilidade, para reprimir o assalto, e a cobriço sem limites que tem levado o país á ruína e ocasionado a desvalorização quasi completa do papel-moeda, que não é obra minha nem de quaisquer revoltados, mas de criaturas que apenas pretendem o cumprimento das leis que garantem a impunidade dos seus crimes e a segurança dos seus bens e das suas pessoas, que é como quem diz, o sol na era e a chuva no nabal.

Para que se veja a que ponto chegam a insanidade e o desplante do "Diário de Notícias" no caso sujeito e para demonstrar a insubstancialidade da doutrina que defende e sustenta no mesmo caso, como o celebre frei Tomás teria feito em igualdade de circunstâncias, torno publico o seguinte facto, cuja veracidade garanto e do qual não me será difícil fazer prova:

Em virtude dumas muitas leis promulgadas do começo da guerra a esta parte, com aplicação á industria da moagem, devia exercer-se nas respectivas fábricas, e por agentes do Ministério dos Abastecimentos, uma constante e cuidadosa fiscalização, no sentido de evitar a alteração do diagrama oficial das farinhas, medida essa adoptada em beneficio do público, sem prejuizo dos legítimos interesses da sobredita industria.

Aconteceu entanto que todas as fábricas de moagem do distrito de Lisboa se conformaram com a dita lei, aceitando os fiscais.

Só a Nova Companhia Nacional de Moagens não se conformou com isso e um dos seus empregados teve o desplante de dizer ao chefe da Repartição competente que desnecessário se tornava mandar fiscais para as suas fábricas, porque estes, além do ordenado atribuído pelo Estado, passariam a ter o ordenado atribuído pela Companhia, passando assim a situação de seus empregados, para procederem como lhes fosse indicado por esta ultima.

Ora isto é, nem mais nem menos, um acto de suborno premeditado e consciente e um desacato da lei, da parte dumha Empreza que, tendo embargo mudado de título, é a mesma que vem dizer agora e no seu orgão principal que precisamos de coragem moral e cívica para fazer cumprir as leis, acrescentando

que não ha energia para aplicá-las áqueles que, pelos seus crimes **nítidamente comprovados**, criam sob a sua alcada e que tão inuteis são as leis de exceção como as ordinárias.

Em todo o arrazoado do supracitado e em parte transcrito artigo do "Diário de Notícias" e sob pretexto da falta de segurança das prisões, em Portugal, ha, como se diz, um falar e dois entendores.

Desnecessário me parece, contudo, pôr mais na carreira.

Entretanto e para concluir, hei de dizer que, se não precisamos de leis de exceção, menos ainda precisamos de prisões que, de resto é até hoje, que me conste, ainda não serviram para os criminosos de polpa ou alto contorno, tanto da finanças que exorbita, como da moagem cuja moral, em tudo e por tudo, é muito inferior á do sapateiro de Braga.

O que é preciso é moderar ambícios e fundar uma nova pratica, uma nova organização social exclusivamente firmada no facto e na observação profunda e imparcial, tanto dos fenômenos de natureza social como das origens morais do crime que produz a revolta quasi sempre justificada e arma o brago dos chamados delinqüentes secundários que constituem, por via de regra, a população das prisões - escolas de crimes e vícios - , que deixarão de existir á proporção que a escola primária for substituindo a taberna e que ás ambições desmedidas do capitalismo se antepõem ou sobreponham o bem geral da comunidade.

Só assim e duma vez por todas poderão suprimir-se os prejuizos e preconceitos sociais que asseguram a existência multi-sécular dos privilégios de castas, em prejuizo reconhecido do maior numero de individuos, a quem se nega, com o pão sadio e nutritivo, o mais indispensável á vida espiritual e corporal e a quem se recusa ou contesta o direito sagrado da revolta, ao passo que se reclama dos poderes públicos que se reforçam as grades das prisões e se aumentam os vencimentos e efectivos da polícia, no esquecimento ou ignorância de que a continuidade dos maus costumes só se obtém pelos bons exemplos que devem partir de cima, tal qual sobre a terra e das supremas alturas do infinito espaço incide a luz do sol, que entra a custo ou a furo nas prisões, tanto quanto no entendimento obliterado dos argentários a claridade da razão e as luces da verdade, do direito e da justiça.

JOSÉ BENEDY

## TEATROS & CINEMAS

### Teatro São Luís

Companhia dramática francesa

peça "Le Vertige" de Charles Mériè

Sala de prem e es estrangeiras, o Teatro São Luís regorjou para ver André Brûlé, ídolo do feminismo parisiense.

André Brûlé é um actor de linha, lindo e amansadíssimo, distinto sem arrebatos.

E' uma elegância sóbria que o tempo tem castigado á vontade e isso reflectiu-se já no desempenho que deu peça de Charles Mériè, *Le Vertige*.

A sua grande peça é *Le danseur inconnu*, pouco nos fala para vê-la.

Madeleine Lély é uma figura feminina bastante insinuante. A sua voz, às vezes, subiuço mais do que fala. Não são só as dimensões da sala a contribuir á também a dolência da voz a produzir esse efeito.

O actor Severin ainda não nos sugereu em qualidades o bastante, para que nos pronunciemos definitivamente. O mesmo poderemos dizer de Hartmann, no papel de Charnon.

E' em volta destas personagens que principalmente gira a accão da obra de Mériè.

Bruné disse admiravelmente todo o primeiro acto. A sua máscara é soberba, o seu gesto é dumha precisão flagrante.

A completar uma e outra o timbre agradabilíssimo da sua voz em que há modelações exactissimas como retrato de sentimentos. Não se pode deixar de afirmar que estamos em presença de um actor de alto relvho. O público, cremos que ainda o não sentiu bem nesta primeira récita. Mas, o entusiasmo não tardará que o grande actor conquiste insosfismavelmente o público

do São Luis, onde os que percebem de teatro arrastarão certamente os que finjam perceber e todos então aplaudirão sem reservas. Não terminaremos a nossa notícia sem que nos refiram a primorosa marcação que no primeiro acto é notável.

Talvez nem toda a gente se apercebesse disso.

Silmos de *Le Vertige* absolutamente convenientes de que o éxito da companhia francesa Brûlé-Lély irá subir num rápido crescendo.

Nogueira de BRITO

CARTAZ

S. CARLOS - 21.30 - Salomé.

COMPAGNIE - A's 21.30 - Simones.

S. LUIS - A's 21 - Le Dauseur Inconnu.

APOLÔ - A's 21 - As pupilas do sr. reitor.

EDEN TEATRO - A's 21.45 - Fruto Pródigo.

TRINDADE - A's 21 - Revista das Revistas.

POLITEAMA - A's 21 - Alma sem rumo.

AVENIDA - A's 21.30 - O Emigrado.

MARIA VITORIA - Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS - A's 21.15 - Cavalaria Rusticana e Avé Maria.

GIL VICENTE - A's 21 - O Diogo Alves.

OLIMPIA - A's 20.30 - Animatógrafo.

SLALÔ - POZ - A's 14.30 e 20.30 - Variodramos.

CHIADO TERRASSE - A's 14.30 e 20.30

- Animatógrafo.

CONCERTO - Avenida - Animatógrafo.

CINE-PARIS (Av. da Boa Fé) - Animatógrafo.

IDEAL (Loreto) - Animatógrafo.

ROSSIO (Arco Baedeker) - Animatógrafo.

CHANTECLER (Praca dos Restauradores)

- Animatógrafo.

AVENIDA PARQUE - (Antigo Parque) - Recreios e diversões. Concertos de Jazz-Bands.

CINE ESPERANÇA - Animatógrafo.

PROMOTORADA (Largo do Calvário) - Animatógrafo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alívio) - Animatógrafo.

— pelos seus bons e numerosos serviços. Antigo operário ferreiro, trocou o martelo pela espada, os soldados vêem nele um dos seus iguais elevado a chefe per-

da sua valentia e livre escólia; afieçoar-se-lhe hão cada vez mais sabendo, sobretudo, que conseguindo postos iminentes, nunca esqueceu a sua amizade ao antigo companheiro de bigorna.

— Esquecer o meu amigo! disse Marion, oh! nunca...

— Austeridade dos seus costumes é conhecida,

replicou Tétrik, o seu excelente bom senso, a sua in-

teireza, a sua sá razão, são, segundo a minha humil-

de opinião, uma segura garantia do futuro... O capi-

tão Marion põe em prática o sábio pensamento de Vi-

tória, de que nesta ocasião o tempo das guerras esté-

reis acabou, e que é preciso cuidar na paz fecunda...

Mais uma palavra, capitão, acrescentou Tétrik, vendo

que Marion ia interromper. Estou de acordo que a

tarefa é pesada e deve assustar a sua modéstia, mas

esta mulher heroica, que, neste terrível momento, es-

quece o seu desespero materno para não cuidar senão

da salvação da nossa querida pátria, Vitória, estou

certo que apresentando-los aos soldados como sucessor

de seu filho, segura de que será aceito deles, tomará

também o empenho de auxiliar com os seus preci-

sos conselhos, da mesma forma que ela inspirava as

melhores resoluções de seu valoroso filho... E ago-

ra, se o capitão Marion quere escutar a minha fraca-

voz, eu lhe peço, eu lhe suplico... em nome da sal-

vação da Gália, que aceite o poder; Vitória junta-se a

minha para lhe pedir esta nova prova de afeição ao

nosso glorioso país.

Tétrik, replicou Marion em tom grave, o senhor

definiu superiormente o homem que é mister para go-

verna a Gália; só há uma coisa a mudar na pintura,

é o nome do retrato.

As vantagens resultam quando se faz uso da máquina  
**"TORPEDO"**  
AGENTES NO SUL DO PAÍS  
J. ANÃO & C.ª, L.ª  
Rua dos Fanqueiros, 376, 2.º — TEL. N. 3636

## TOSSE CONVULSA

Heronal-Arrobe

O medicamento mais energico para combater a tosse convulsa.  
Composição Vegetal. Nenhum perigo.  
Preparação exclusiva da  
**Farmácia Branquinho**

Rua dos Sapadores, 87 e 29 — LISBOA

(União Comercial de Drogas, Rua Augusta, 180,  
Borges Marques & C.ª, Ltd.ª, Rua do Arco do  
Bandeira, 159, 3.º)

## Anémicos

Para debelar rapidamente a anemia basta tomar um a dois frascos de  
**FERRUGINOSE UNITAS**  
de efeitos rápidos e seguros  
Nas boas farmácias no depósito  
RUA DE SANTA JUSTA, 61, 2.º — LISBOA

## Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

## Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

### FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, garnições para móveis  
Chapa ferro preta e zincada  
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para farrador, serras circulares e de fita, etc.

TELE: fone, 3930, N. gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 — LISBOA

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. «Como aniquílá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre o refletindo no que se le». —

— Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

O

### sabonete

## JACOBUS

é o melhor sabonete de toilette  
O mais perfumado — O mais higiênico — O de maior duração

Pecam-no em todas as drogarias e perfumarias

Depósito geral só por atacado

Sociedade de Produtos Químicos, L.ª

### As anilinas

## JACOBUS

para tingir em casa são as melhores

do mundo e as únicas rujo resultado se pode garantir

Pecam em todas as drogarias

Campo das Cobras, 43, 1.º — LISBOA

MÓVEIS  
GRANDE SORTIDO

2.050\$00

Casa de jantar com 15 peças, espelhos, bisoté e vitrais.

3.200\$00

Quarto de casal com 8 peças e espelhos bisoté.

700\$00

Sala de visitas com 10 peças, forrada de veludo.

1.800\$00

Casa de janilar com 15 peças, estilo inglês.

4.500\$00

Quarto de casal, polido, com espelhos ovais.

Multas mais móveis para todos os preços no

**SALÃO DE ARTE**

António Wanzeler

30, Rua do Norte, 30 (ao Camões)

## A BATALHA

Número avulso 30 centavos

### Preço da assinatura

(Pagamento adiantado)

Lisboa, 1 mês . . . . . \$750

Província e ilhas, 3 meses . . . . . 2250

Africa 6 meses . . . . . 5400

Brasil, ano . . . . . 18050

Espanha, ano . . . . . 20 pesetas

América do Norte, ano . . . . . 5 dólares

Frácia outros países, ano . . . . . 80 francos

Suplemento semanal  
**AVULSO 50 CENTAVOS**

Cobrança pelo correio. . . . . 2000

Metrópole, Ilhas e Espanha . . . . . 600

3 meses . . . . . 600

Colônias portuguesas . . . . . 15000

Estrangeiro, ano . . . . . 30000

Aos assinantes de A Batalha na Metrópole que desejem assinar o suplemento pagarão as duas edições por 9\$50 por mês.

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para farrador, serras circulares e de fita, etc.

TELE: fone, 3930, N. gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 — LISBOA

3.º que escrevam num lado de cada folha de papel;

2.º que deixem um espaço razoável entre as linhas para tornar fácil qualquer correção que por ventura seja necessária;

3.º que escrevam os nomes proprios muito legivelmente;

4.º que só se sirvam de tinta preta, azul ou roxa, por quanto a escrita à lápis presta-se a confusão e a tinta vermelha é nociva à vista;

5.º que sejam breves, claras e simples, pondo apenas caos fios e sem comentários.

LEIAM, PROPAGUEM:  
A LIBERDADE

B. Lazare Descontos aos revendedores e aos grupos de propaganda

e dos nossos correspondentes

Em resposta a várias observações

preguntas que nos tem dirigido a

nosso correspondente, vamos

reproduzir o que já por

diversas vezes temos publicado sobre

o assunto:

Para facilitar o trabalho dos tipógrafos e dos redactores, recomendamos aos nossos correspondentes e aos leitores que com A Batalha se correspondam:

1.º que escrevam num

lado de cada folha de papel;

2.º que deixem um espaço

razoável entre as linhas para

tornar fácil qualquer correção

que por ventura seja necessária;

3.º que escrevam os nomes

proprios muito legivelmente;

4.º que só se sirvam de

tinta preta, azul ou roxa,

por quanto a escrita à lápi-

sistema é nociva à vista;

5.º que sejam breves, clara

s e simples, pondo apenas

caos fios e sem comentários.

LEIAM, PROPAGUEM:  
A LIBERDADE

B. Lazare Descontos aos revendedores e aos grupos de propaganda

e dos nossos correspondentes

Em resposta a várias observações

preguntas que nos tem dirigido a

nosso correspondente, vamos

reproduzir o que já por

diversas vezes temos publicado sobre

o assunto:

Para comemorar o aniversário da sua importante casa,

o grande industrial da Covilhã, JAIME PINTASILGO, vai

distribuir, até ao dia 31 de Julho, a todos os seus fregueses

que lhe façam uma encomenda de fazenda, um interessante

brinde.

Aconselhamos os nossos leitores a aproveitar a ocasião,

pedindo amostras a

JAIME PINTASILGO

COVILHÃ

Há duas revoluções a fazer: Uma

nos espíritos e outra nas ruas. A se-  
gunda depende da primeira.

— Um revolucionário que não esta-  
da é como um barco sem piloto.

— Eduquemo-nos e instruamo-nos

antes de pretendermos educar e ensi-  
nar os outros.

— O livro é o alimento espiritual do

homem que deseja instruir-se.

LEIAM, PROPAGUEM:  
A LIBERDADE

B. Lazare Descontos aos revendedores e aos grupos de propaganda

e dos nossos correspondentes

Em resposta a várias observações

preguntas que nos tem dirigido a

nosso correspondente, vamos

reproduzir o que já por

diversas vezes temos publicado sobre

o assunto:

Para comemorar o aniversário da sua importante casa,

o grande industrial da Covilhã, JAIME PINTASILGO, vai

distribuir, até ao dia 31 de Julho, a todos os seus fregueses

que lhe façam uma encomenda de fazenda, um interessante

brinde.

Aconselhamos os nossos leitores a aproveitar a ocasião,

pedindo amostras a

JAIME PINTASILGO

COVILHÃ

Há duas revoluções a fazer: Uma

nos espíritos e outra nas ruas. A se-  
gunda depende da primeira.

— Um revolucionário que não esta-  
da é como um barco sem piloto.

— Eduquemo-nos e instruamo-nos

antes de pretendermos educar e ensi-  
nar os outros.

— O livro é o alimento espiritual do

homem que deseja instruir-se.

LEIAM, PROPAGUEM:  
A LIBERDADE

B. Lazare Descontos aos revendedores e aos grupos de propaganda

e dos nossos correspondentes

Em resposta a várias observações</p